

ROTEIRO DeLeitura versão completa**Contos Mágicos Brasileiros****O Príncipe Teiú e outros contos**

Marco Haurélio

Capa e ilustração: Klevisson*Arte-final:* Niky Venâncio*Formato:* 12,50x21*Nº de páginas:* 112

Indicação: 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental

A leitura do conto

Propriamente falando, essas histórias já andavam a correr o mundo na boca das velhas amas e das avozinhas. Estas não fizeram mais do que dar o que seus pequenos ouvintes lhes pediam. Era o caso de se perguntar quem era mesmo que inventava as histórias. Mário Quintana

Os contos brasileiros que integram este livro pertencem a diferentes ciclos da contística popular e têm em comum o predomínio do elemento do encantamento. Assim o autor, Marco Haurélio, nos apresenta a seleção de contos que integram o volume destes contos maravilhosos, todos originários da literatura oral, nas suas mais remotas versões. Trazem, como em toda narrativa popular, outros elementos comuns a tantos outros contos universais, alguns deles destacados nas atividades de leitura aqui sugeridas.

O fato mesmo de serem contos originados na oralidade nos faz levar em conta um aspecto fundamental: de o material coletado e estudado não ser o texto oral primordial, mas um relato já narrado por vezes incontáveis, interpretado, adaptado e reformulado a cada novo relato ou novo registro escrito. A transformação para a escrita, certamente, gera mudanças, já que na escrita não se reproduzem recursos próprios da oralidade como a entonação, os gestos, a mímica, a inevitável alternância de narrador, bem como o contexto em que o texto é recontado.



Cada recriação de um conto o afasta de sua autenticidade, uma vez que ela sofre – inevitavelmente – influência do contexto histórico, social, ideológico e político. Então, seria o caso de se perguntar, desde já, o que mantêm o conto popular vivo? Estudiosos do tema nos respondem: é o elemento simbólico que garante sua sobrevivência. O simbólico ultrapassa a comunidade de origem e a narrativa vai adquirindo uma significação comum ditada pelas estruturas psicológicas da humanidade. Todos nós podemos captá-la.

A literatura oral brasileira – também chamada de literatura popular em contraposição à literatura culta ou oficial (escrita) - é formada pela contribuição do índio, do negro e do europeu, em especial o português que, habitando as terras brasileiras, promoveu um intercâmbio de influências que se manifesta nitidamente na cultura. A essas três fontes básicas, somam-se a passagem de séculos, a presença de outros povos e civilizações, num emaranhado de efeitos que nos torna cautelosos em definir os limites dessas influências de forma rígida, já que encontramos a presença de traços comuns ou similares em contos de origens, tempos e localizações tão distintos quanto distantes entre si.

O conto da tradição oral é um relato de fatos imaginários, próprios dos momentos de lazer. Costuma-se associar a ele a imagem de uma roda de pessoas, ao redor de uma fogueira, um fogão, um café, uma visita, fato que também lhe impõe certa limitação de tempo: o tempo de narrar antes que a roda se desfaça.

Além da brevidade, a circunstância do encontro limita também o número de personagens, sua vaga caracterização, as poucas referências de espaço e de tempo, a simplificação da ação – características que se mantêm até hoje. Ensina M. Moisés: o conto caracteriza-se por conter uma unidade de ação, o conflito está num recorte de tempo onde o passado e o futuro têm pouca significação.

O interesse pelo conto popular surgiu no século XVII, mais precisamente em 1697, quando Charles Perrault publicou contos franceses, até hoje conhecidos e adaptados, como, por exemplo: “A Gata Borralheira”, “O Chapeuzinho Vermelho” e “O Gato das Botas”. Na Alemanha, no século XIX, novos contos e adaptações surgiram com os irmãos Grimm. No Brasil, o estudo intelectual desses contos teve como precursor Celso de Magalhães (1873) seguido pelo pesquisador Couto de Magalhães. Distinguem-se também Silvio Romero, Lindolfo Gomes, Câmara Cascudo.

Segundo Câmara Cascudo (Literatura oral do Brasil - 1984), a literatura oral “que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases feitas, orações, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é a persistência pela oralidade. A fé é pelo ouvir, ensinava São Paulo (CASCUDO, 1984, p.23).”

Cascudo classifica os contos populares em: contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, facécias, contos religiosos, contos etiológicos, demônio logrado, contos de adivinhação, natureza denunciante, contos acumulativos e ciclos da morte. Geralmente, atribuem-se a eles as seguintes características:

- antiguidade – ele sofre transformações, porém preserva sua essência (a essência dos homens); ausência de autoria – seu autor é anônimo; persistência - o conto é codificado numa linguagem simbólica e universal, compreendida por homens de todos os tempos; oralidade – o conto popular é transmitido oralmente, de geração a geração.

É com o relato escrito que a oralidade passa a ser conhecida como popular. E o verdadeiro é entendido como aquilo que está registrado em livros.

Uma das teorias mais empregadas atualmente é de autoria de Vladimir Propp (abordagem estruturalista). Em “A Morfologia dos Contos de Fadas”, Propp estabelece os elementos narrativos básicos que identifica nos contos folclóricos russos e os divide em 7 classes de personagens (agentes) e 31 funções narrativas. Muitos são os estudiosos dos contos populares – cada um com seu enfoque, objetivos e coletas específicas - cuja contribuição para nosso entendimento de um gênero tão rico quanto antigo é vital. Porém, é na prática que o conto se revela por inteiro e justifica sua permanência e é assim que deve ser visto e utilizado nas escolas, para que, mantida a originalidade, não se perca o que eles têm de melhor.

Na prática, então, mais do que buscar origens, vale observar o que acontece, ainda hoje, dentro e fora de uma sala de aula, quando o jovem entra em contato com uma narrativa mágica nas suas diferentes versões. O entusiasmo é o mesmo, o encantamento persiste. A criança do século XXI ainda se entretém com narrativas, cantigas, poesias, textos cadenciados, ritmados, rimados. Ela gosta da voz, da sonoridade. Ela gosta de ouvir, contar, cantar, repetir e, sim, tem boa memória... O que nos leva a ficar atentos às palavras de Heloisa Prietro em dois momentos de seu interessante trabalho sobre lendas e mitos no mundo da criança:

Sobre a busca de um original, um clássico:

“Nessa busca pela versão primeira, muitas vezes se deixa de perceber as diferenças, as possibilidades que o estudo das variantes pode apresentar... e o que é um clássico, afinal? A história de que nunca se esquece, a história que nunca se esgota, a história para a qual sempre voltamos em busca de um encontro íntimo, de um momento secreto de troca, ou, ainda, conforme afirma Italo Calvino, ‘um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha a dizer’ ”.



Sobre a contemporaneidade da narrativa oral:

“Em plena virada do milênio, quando o professor se senta no meio de um círculo de alunos e narra uma história, na verdade cumpre um designio ancestral. Nesse momento, ocupa o lugar do xamã, do bardo celta, do cigano, do mestre oriental, daquele que detém a sabedoria e o encanto, do porta-voz da ancestralidade e da sabedoria. Nesse momento ele exerce a arte da memória.”

Dois contos:

O príncipe Teiú

Um viúvo, pai de três filhas moças, está há três dias e três noites perdido na mata e, para ser salvo por um teiú, faz uma promessa: entregar a ele a primeira coisa que avistasse ao chegar em sua casa. Julgava avistar sua cadelinha – sempre a primeira a recebê-lo – mas, na verdade, viu antes sua filha caçula, que aceitou cumprir o trato. Aí começa a história maravilhosa: o teiú é um jovem sob efeito de um encantamento.

Nota-se no conto a recorrente presença do número três: três dias e três noites perdido; três filhas moças, três dias de visita na casa do pai, três casas a visitar à procura do marido (casas do Sol, da Lua e do Vento)... e o conto termina com a felicidade da família de três membros: pai, mãe e filho.

Nota-se, naturalmente, a presença de um lagarto, no caso, o maior lagarto brasileiro, o teiú. Chama atenção a presença das alpercatas de ferro e das três casas a serem visitadas pela heroína, então andarilha, solucionar o conflito criado por sua transgressão: acender uma candeia para ver a face do amado – este o ato proibido.

Vejamos a simbologia desses elementos destacados:

Alpercatas/calçado – símbolo de afirmação social e de autoridade – “O calçado é o signo de que um homem pertence a si mesmo, de que se basta a si próprio e é responsável pelos seus atos”. Sapato também simboliza a viagem, não só para o outro mundo, mas em todas as direções. É o símbolo do viajante. (Chevalier)

Ferro/ferreiro – “O ferro é comumente adotado como símbolo de robustez, de dureza, de obstinação, de rigor excessivo e de inflexibilidade”. (Chevalier). Já o ofício do ferreiro está associado a um aspecto criador e iniciático, já que o ferreiro funde o metal e o forja. O ferreiro solda o mundo.

Lagarto – Poder-se-ia considerar seu significado como derivado do simbolismo da serpente, numa expressão atenuada: preguiçoso como um lagarto, preguiçoso como um réptil, diz a sabedoria das nações. Mas, ao contrário da serpente, rival eterna do homem, o lagarto... é um familiar e, por conseguinte, um amigo da casa.

Três - Triângulo, trindade. Número fundamental universalmente. Exprime uma ordem intelectual e espiritual, em Deus, no cosmo ou no homem. Também está ligado ao rito de tirar a sorte com flechas adivinatórias. A terceira flecha representa o eleito, o local, o tesouro, etc... “Estes três atos sucessivos que encontramos em inúmeros contos mágicos, garantiam o sucesso do empreendimento e, ao mesmo tempo, constituíam um todo indivisível” (Chevalier).

Vela/Candeia – A vela acesa é símbolo da individuação. À ideia de unicidade, de luz pessoal, Bachelard acrescenta a ideia da verticalidade. A chama é uma vertical valorosa e frágil. Basta um sopro para perturbá-la, mas ela se reergue. “Uma força ascensional restabelece suas forças mágicas”. (BACC), in Chevalier, 934.

Maria Borralheira

Maria é filha de um casal muito feliz. Ao ficar órfã de sua mãe, passa a viver na nova família constituída por seu pai, convivendo com a madrasta e sua meia irmã, Joana. O pai viaja muito e, na sua ausência, Maria passa a ser tratada como criada, sofrendo sempre castigos e injustiças. A trama segue as diferentes versões já bem conhecidas – difundidas pelas adaptações dos contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm, amplamente divulgadas pelos filmes de Walt Disney. Nesta versão brasileira, a sequência de imposição de castigos, magia e superação – traz, além dos elementos habituais (casas, velhinha, sapatinho, carruagem, varinha de condão) a presença marcante de dois animais: um **papagaio** – pássaro que tem a faculdade da comunicação (o que faz dele um adjuvante bastante positivo na solução dos conflitos), e a força e magia de uma **vaca**, produtora de leite, símbolo da Terra nutriz.

O papagaio desvenda sempre o que se oculta por traz de uma **porta**, símbolo de passagem entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido. De modo que, a partir dos símbolos, o leitor começa a desvendar os mistérios do conto até chegar ao seu ápice: a prova do sapatinho que serve em Maria Borralheira como uma luva, a descoberta da donzela que tanto procuraram, a visita ao palácio, a festa de casamento que dura vários dias...



Sugestões de atividades

São infinitas as possibilidades de leitura e de trabalho em sala de aula que os contos deste livro permitem. Aqui sugerimos algumas que podem e devem ser adaptadas pelo educador em função do enfoque dado, do objetivo buscado e do grau de maturidade do público leitor.

Atividade de aquecimento

- Seleção conjunta de um conto a ser trabalhado.
- Leitura em voz alta para o grupo, fazendo a transposição do texto escrito para a oralidade.
- Consulta ao glossário e vocabulário para compreensão de palavras novas.
- Verificação de associação imediata com histórias conhecidas (livros, filmes, novelas) e identificação dos elementos de comparação.
- Conversa com os alunos sobre a literatura oral, sua transmissão e permanência.

Atividades de leitura

1 -A narrativa na voz de um narrador

Quem conta um conto, aumenta um ponto?

Dentro da tradição oral, o conto não tem autoria, é criação coletiva, dado que cada narrador lhe dá novos contornos, voz e interpretação, além dos acréscimos ou cortes que o conto original venha a sofrer na mudança de tempo e contexto.

1.1 - Para evidenciar a diversidade que pode acontecer na narração de um mesmo fato, pedir que dois alunos recontem, em voz alta, o mesmo conto.

Levar os alunos ouvintes a considerarem eventuais alterações – de conteúdo, intensidade, voz, interpretação – capazes de dar ou não novos contornos ao conto.

1.2 – Para mostrar a força com que uma narrativa gera imagens na mente dos ouvintes, assistir a trechos (selecionados pelo professor) do filme “Jogo de cena”, de Eduardo Coutinho, 2007 (<http://www.youtube.com/watch?v=RUasyqVhOuw>) e discutir:

- fato narrado - fato vivido / interpretação ou realidade?
- descrição de detalhes / a interferência da imaginação do ouvinte na história narrada.

1.3 – Para observar a influência do narrador na veracidade do fato narrado, debater a questão: Por que se exige do repórter e do historiador isenção e imparcialidade?

2 - As narrativas no tempo e no mundo

2.1 - Para observar a multiplicidade de versões de um mesmo conto em diferentes contextos, estabelecer comparações entre os contos estudados.

(a) – A estrutura e simbologia do conto “O príncipe teiú” com outros contos como, por exemplo: “O príncipe lagartão”, Câmara Cascudo (anexo 1) ou “O Falcão Brilhante”, reconto russo – in O Falcão Brilhante e outros contos, DeLeitura/Aquariana.

ou

(b) – A estrutura e simbologia do conto “Maria Borracheira” com outras versões dos contos de Perrault e dos Irmãos Grimm – como, por exemplo, na versão do conto Cinderela (anexo 2) ou do filme de Walt Disney. Ou, ainda, para uma associação mais adulta e contemporânea – com o filme “Uma linda mulher”.

Fichas técnicas: DVD “Cinderela” – Distribuição Walt Disney Pictures, Animação, Português/inglês, Ano de produção 1950, País de produção/origem: Estados Unidos. Duração: 75 minutos.

DVD “Uma linda mulher”, título original Pretty Woman, Distribuição Walt Disney Pictures, Romance, Português/inglês, Direção: Garry Marshal, Ano de lançamento: 1990, País de produção/origem: Estados Unidos. Duração: 111 minutos.

3 - As narrativas construindo e reconstruindo a História

3.1 - Para enfatizar o poder da narrativa oral e da memória na reconstrução da história, assistir ao filme “Narradores de Javé”, promovendo, ao final, debates sobre a transmissão dos contos populares através dos tempos.

Sinopse: Inspirado em fatos reais. Os moradores de Javé (povoado no interior da Bahia ameaçado de extinção com a construção de uma hidrelétrica) se unem para reconstruir, com testemunhos da memória oral, a sua história. Com humor, grandeza ou descaso, os habitantes narram o que sabem ou viveram a Biá, personagem que tem a difícil tarefa de reunir uma história a partir de 5 versões diferentes -, memórias incompatíveis entre si -, já que os narradores alteram seus heróis. O objetivo é que, existindo um registro – a cidade consiga impedir sua inundação.

Ficha técnica: DVD, título original Narradores de Javé,, Gênero: Drama,. Autores: Luis Alberto de Abreu e Eliane Caffé, Direção: Eliane Caffé. Ano de lançamento: 2003, País de origem: Brasil/ França. Duração 100 min.



4 - Os contos populares, seu registro escrito e o leitor

Deixar que os alunos escolham livremente um dos contos do livro e completem a questão, oralmente: “Quando li/ouvi a história, foi como se... , informando sensações, associações ou a ausência delas, comparações com a realidade vivida, símbolos reencontrados em outros livros e filmes.

Narrar é uma forma de pensar o mundo. (H.Prietro)

.....

Referências Bibliográficas:

- BETTELHEIM, Bruno. A psicanálise dos contos de fada. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- BONAVENTURE, Jette. O que conta o conto?. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.
- CASCUDO, L.C. Literatura oral no Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. Dicionário de Símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- GOTLIB, Nadia Batella. Teoria do conto. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.
- MOISÉS, M, A criação literária – Prosa I – São Paulo: Cultrix, 1967
- PRIETRO, Heloisa. Quer ouvir uma história? Lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Ed. Angra, 1999.
- PROPP, Vladimir I. Morfologia do conto maravilhoso. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1984.
- ROMERO, S. Contos populares do Brasil. São Paulo: Landy, 2000.
- SIMONSEN, M. O conto popular. Trad. Luís Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ROTEIRO DeLeitura elaborado pela socióloga e escritora *Sonia Salerno Forjaz*; Bacharel em Ciências Sociais pela FFLCH/USP; Licenciada pela FE/USP; Especialista em Português, Língua e Literatura pela UMESP; autora de literatura infantojuvenil.